

FICHA TÉCNICA

Diretor: André Rijo - Presidente da CMAV

Composição: Cláudia Jaleco, CMAV

Pesquisa histórica: Jorge Lopes e Tiago Marques, CMAV

Impressão: FIG - Indústrias Gráficas, SA

Tiragem: 5000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Paginação inspirada na edição n.º 1 do Diário de Notícias de 29 de dezembro de 1864

MERCADO OITOCENTISTA

ARRUDA DOS VINHOS

2, 3 e 4 JUNHO 2017

Propriedade: Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos

1817

(MDCCCXVII),

É um comum do século XIX do atual Calendário Gregoriano, da Era de Cristo. Teve início a uma quarta-feira (1 de janeiro) e termina também a uma terça-feira (31 de dezembro).

NOTA INFORMATIVA DA REDAÇÃO DO JORNAL

MERCADO OITOCENTISTA AOS LEITORES

NOTÍCIAS DO MERCADO

Caríssimo e estimado leitor:

Bem-vindo a Arruda e ao ano de 1817. Este é um período conturbado da nossa história, que precede uma das grandes viragens do país (a Revolução Liberal).

1817 é um ano importante para os Arrudenses, comemoramos 300 Anos da nossa independência como concelho. D. Manuel I atribuiu Foral à nossa nobre Vila de Arruda a 15 de Janeiro de 1517. A IV edição do Mercado Oitocentista propõe-se a fazer duas viagens no tempo. Estaremos em 1817 e iremos recuar ainda ao tempo de D. Manuel I (séc. XVI) para celebrar 300 anos da atribuição do Foral à mui nobre vila de Arruda.

A situação atual de Portugal é de crise.

As recentes invasões francesas deixaram o país num estado deplorável, a família real e a corte fugiram para o Brasil para escapar dos franceses, atitude que suscitou no povo uma sensação de cobardia e de abandono por parte do rei. A sede da Monarquia e da capital do Império foram também transferidas para o Brasil, local para onde vão as riquezas do estado. A administração do reino está entregue a uma tríade: D. Sousa Coutinho, D. Miguel Pereira Forjaz e o ao oficial inglês William Beresford.

Beresford é o símbolo do domínio britânico em Portugal, detentor dos poderes equivalentes aos de um vice-rei. Representa o auxílio inglês, na reorganização e no comando do exército português na resistência aos franceses. É o domínio do aparelho militar, no controlo da regência, domínio esse facilitado pela ausência do rei que se encontra no Brasil.

Os tempos de hoje continuam a não ser fáceis para a população portuguesa, em particular para o povo arrudense, e a dependência inglesa agravou as situações de desigualdade social no país e os arrudenses sentem bem essas desigualdades. O clima de descontentamento está aumentar, o que leva as pessoas a ter ideias de conspiração e a procurar um novo líder para o país. Por isso, Arrudenses, temos de dar a volta à nossa situação, fazer a revolta contra os nossos eternos opressores.

Basta! Vamos fazer prevalecer os ideais liberais de liberdade e de igualdade. A regência e os atuais governadores do reino estão com medo e tentam controlar a situação com a tomada sucessiva de medidas cada vez mais opressoras. As Invasões Francesas e o auxílio militar inglês arruinaram o nosso país, as nossas atividades económicas, a agricultura

de subsistência, o pouco comércio e a escassa indústria estão pela hora da morte. A corte que está no Brasil suga-nos o pouco dinheiro que temos, aumentando as rendas e os impostos. Atenção, há escassez de géneros alimentares e a miséria popular está instalada!

E os ingleses, são os nossos invasores ou salvadores? Estamos perante nova invasão? Onde está o Rei? Abandonou o povo?

Basta! Basta da ausência do rei! Basta desta monarquia e do seu poder absoluto e repressivo! Basta de ingleses!

Arrudenses, em 1817 várias pessoas foram presas sob a acusação de conspirarem contra a vinda de Beresford e contra a Regência. A revolta foi asfixiada à nascença e várias pessoas foram presas e julgadas sumariamente. Gomes Freire de Andrade, um homem tido pelo povo como um herói e doze outras pessoas foram executadas. A execução, em vez de evitar futuras revoltas, apenas serve para inflamar os ânimos. Mas nós Arrudenses, apesar do cenário político instável e ainda devastados pelos danos causados pelas Invasões Francesas, resta-nos recuperar a nossa identidade e autoestima.

Durante este Mercado vamos lembrar os tempos de El Rey D. Manuel I e celebrar a nossa identidade e os 300 Anos de Foral.

Os ingleses vão andar por aí, a desafiar a autoridade máxima do nosso concelho, o Administrador do Concelho, e até o próprio povo arrudense que está em festa. O Povo Arrudense está cansado de invasores e está do lado do Administrador do concelho que tenta várias vezes demonstrar ao inglês que quem manda em Arruda são os Arrudenses!

No entanto não nos podemos esquecer que estamos em festa e a celebrar os 300 anos de Foral Manuelino e por isso haverá festa, muita música, danças que fazem recordar tempos de El Rei D. Manuel I e muita outra animação pelas nossas ruas. Haverá também o nosso ritual ancestral: A Encharecada!

Sabemos que o inglês quer impor a sua lei e ordem e não gosta que se façam festas sem o seu consentimento, mas nós arrudenses estaremos cá para mostrar aos ingleses que quem manda em Arruda são os Arrudenses!

ADMINISTRADOR DO

CONCELHO DÁ AS

BOAS VINDAS AO POVO

ARRUDENSE E AOS

FORASTEIROS

Animação Teatral

O Administrador do Concelho de Arruda, em 1817, dá as boas vindas ao povo. Faz um discurso enaltecendo a história e a identidade do Povo Arrudense, que em 1817 celebra os 300 Anos do Foral Manuelino. Esta celebração vem também levantar o ego de uma comunidade que tenta com coragem reerguer-se, após os difíceis tempos das Invasões Francesas, e resistir ao conturbado período de regência inglesa.

Sexta-feira - 2 de junho às 21.30h

Em frente aos Paços do Concelho, no largo do Chafariz

ADMINISTRADOR DO

CONCELHO ABRE AS

PORTAS DO PALÁCIO

DO MORGADO AOS

ARRUDENSES E AOS

FORASTEIROS

Celebrar os 300 anos de Foral Manuelino e os Tempos de D. Manuel com Baile Quinhentista, Recriação da leitura do Foral de D. Manuel I à Vila de Arruda e muito mais...

Ano de 1817, tempos conturbados na história política e social de Portugal, Arruda tenta reerguer-se das cinzas e celebra os 300 Anos do Foral Manuelino, 300 anos de um concelho.

Um grupo de Arrudenses, um pequeno grupo de amadores das artes cénicas do concelho, a convite do Administrador do Concelho, recriam a leitura da carta de Foral.

No final desta recriação, que comece a festa! Todos podem participar no baile, à moda quinhentista, no Pateo do Palácio do Morgado, fazendo recordar os tempos de El Rey D. Manuel.

Durante a festa no Palácio, um oficial Inglês irritado por não ter sido informado da festa, pois é o representante da regência inglesa, tenta impor a sua lei e ordem, tentando interromper e acabar com a festa. O Administrador e os Arrudenses não vão permitir que tal aconteça.

Sexta-feira - 2 de junho às 22.00h

No pateo do Palácio do Morgado

MUITA MÚSICA AO SOM

DOS GAITEIROS DUM

TRAGO

2 e 3 de junho

Em Arruda dos Vinhos, pelas ruas do Mercado

CARROSSEL ARTESANAL

É p^oro menino e p^ora a menina!



2, 3 e 4 de junho

Durante o horário do Mercado, junto ao Chafariz

A ATRIBUIÇÃO DE EL REY

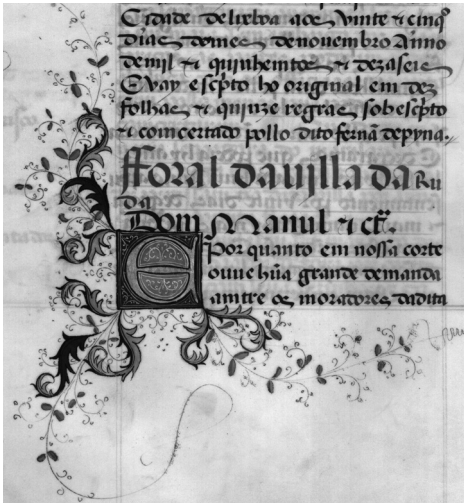
D. MANUEL I À VILLA DE

ARRUDA A 15 DE JANEIRO

DE 1517

Foi há 300 anos que El Rey D. Manuel I atribuiu Foral a esta Vila de Arruda. Este documento concedido pelo Rei, contém um conjunto de disposições e normas que visam disciplinar as relações entre os habitantes e o governo do reino, ou seja, regula os direitos e privilégios dos arrudenses.

Apresentamos aqui a transcrição do Foral de Arruda:



FFORAL DA VILLA D^aA RUDA

Dom Manuel /2 por quando em nossa corte /3 ouu huma grande demanda /4 amtr os moradores da dita /5 villa E termo com ho comendador de- /6 lla em nome da hordem de Santiago /7 cuja dita villa he sobre ditas

EDITORIAL

A Vila de Arruda dos Vinhos apresenta a quarta edição do Mercado Oitocentista. Este ano de 2017 intrinsecamente ligada às comemorações dos 500 anos do Foral de D. Manuel à Vila de Arruda.

Vamos recriar as vivências, estórias e memórias das suas gentes, das tradições e costumes. Vamos reviver Arruda do século XIX, relembrando Arruda do século XVI, assinalando a passagem de El-Rei D. Manuel, a identidade do Concelho, as Invasões Francesas e a permanência dos Ingleses em Arruda dos Vinhos.

Ao longo de três dias teremos oportunidade de nos cruzarmos, em cada esquina, em cada edifício, em cada rua, com a história de Arruda dos Vinhos, voltaremos a ter baile no Palácio do Morgado, Libertaremos o Administrador detido por forças hostis, assistiremos ao Duelo Final, mas pelo meio haverá recriações etnográficas com quatro ranchos Folclóricos e a tradicional “encharcada Arrudense”.

Falaremos de história e contaremos estórias, tudo com muita animação e sempre bem acompanhados da nossa gastronomia e dos nossos néctares já então muito apreciados e que desde então viajaram pelos quatro cantos do Mundo.

O programa e mercado que apresentamos só são possíveis graças ao esforço dedicação e entrega de muitas e muitas pessoas, comunidade escolar, coletividades e associações culturais e recreativas, empresas e instituições e em especial os colaboradores da autarquia, que direta ou indiretamente, deram o seu contributo para que o mercado se realizasse.

A todas e a todos os que contribuíram, ou simplesmente nos visitam, o nosso muito obrigado! Nesta edição do Jornal do Mercado poderá encontrar informação sobre o evento e quem nele participa. As notícias e informações de Arruda de outros tempos são o mote destas páginas.

Convidamos a que tod@s se juntem e participem ativamente no Mercado Oitocentista, se envolvam no espírito da época e que, connosco, façam uma viagem no tempo e na história na e da Vila de Arruda dos Vinhos de Século XIX, relembrando o século XVI.

André Rijo
Presidente da
Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos



cousas de verbo /11 a verbo ante que as outras cousas /12 E dereytos da dita villa aquy manda- /13mos assentar aqual he aseguiente /14 Acordam em Rollaçam os do /15 desembargo del Rey visto este /16 feito E o que se per elle mostra scilicet ho libello /17 E repricaçam dos autores En contra- /18 ryedade E trepicaçam do Reo E as /19 inquiriçoões sobre todo tiradas com /20 todallas escripturas por huma E polla /21 outra parte oferecidas E como ho /22 reo proua milhos seus artigos que /23 os autores sem libelo E Repricaçam /24 Asolem o dito Reo do commtra elle /25 pedido pella maneira seguinte scilicet que /26 / Aja ho oytauo do pam E do vinho E /27 do azeite como estaa em posse de ho /28 leur E assy aja dos que forem /29 caualeiros de custume em lugar /30 do dito oytauo osçemto e oyto R_ /31 de cauallaria em em cada Huum Anno /32 e que os ditos autores nam posam /33 fazer fornos nem fornalhas pera / 34 cozer pam somente ho cozeram /35 nos fornos da hordem com tal de- /36 craraçam que lhes sejam dados dor- /37 nos em abtança que o pam se nam /38 perca per myngoa de fornos E assy se /39 fara nos lagares do azeite E /40 quanto aos moynhos no de Radeiro /41 artigo do libello apontados nam se /42 da por detryminaçam amenos /43 que os senhorios deles sejam ou- /44 vidios comseu dito por quando se /45 E mandamos que cacera _ / 47 se leuem na dita villa segundo há or- /48 deuaçam sobrello feita E seia sem /49 custas visto o que se pollo feito mos _ /50 e decretam que a dita /51 jugado E oytauo se pagara /52 per aquellas pessoas que / 53 se sempre pagou ou leixou de pagar /54 sem outra em nouçam com de- /55 craraçam que os almo- xeriffes Re_ /56 moordomos ou Rendey- /57 ros das ditas Rendas serem /58 dilligentes en hirem partir as no- /59 uidades no dia que forem pera vsso /60 requerendo ou atee ho outro dia /61 naquellas oras por que nam hyn- /62 do as partes partiram as nouy- /63 dades com duas tstimunhas /64 sem mais aguardarem E o dito da /65 ordem leuaram segundo sempre fizeram /66 D Rellego pera os vinhos dos /67 oytaus soamente se ven- -dera nos /68 tres meses com as comdiçoões /69 E maneira que se sempre husou sem /70 outra mu-dança. E tem mais /71 a dita hordem E comenda na dita /72 villa Reguengo seu próprio E de- /73 marcado E assy outras terras ca- /74 sas E heranças próprias suas /75 segundo estam demar- cadas em /76 escripturas E tombos se- /77 quando os quaaes pagaram assy /78 como

sempre pagaram sem outra /79 mudança. E alem dos ditos /80 di-reitos que polos titolos E tombos /81 da dita hordem lhe foram aprovadas /82 polla dita sen-tença ouuemos por /83 bem de decrerar também aquy os /84 outros foros E ditos que per Justi- /85 ficaçam que na dita villa manda- /86 mos fazer achamos que sam de- /87 uydos a dita hordem E comenda com /88 algumas decra- raçoões nas ditas /89 necessarias scilicet por que /90 foy duuyta nos filhos dos Caua- leiros /91 se deuyam Degouuiir da liberdade doa /92 pares E Decraramosque a molher /93 do cavaleiro feito segundo custume /94 da dita terra gouuiira do priuilegio /95 do marido em quanto nom casa E a fazenda nam /100 for entregue aos ditos orffaãos /101 que estes taaes goouiiiram da liber- /102 dade de seu pay Imteiramente /103 e as ditas cauallarias se faram /104 dentro do mês de mayo em cama- /105 ra com os ofiçiaaes Almoxyry- /106 ffe E alcayde E escripuam E dem- /107 tro do dito mes se podem deger de /108 caualleiros E nam se podem fazer / 109 nem desfazer os ditos caualley- /110 ros em outro nenhum tempo de /111 anno senam no dito mês de mayo. /112 E por quanto o pouco se agra- /113 uo ora por senam compryr /144 na dita comenda as visitaçoões /115 E mandados dos mes-tres amty- /116 gos aqerqua da festa E despessa / 117 que se mandou fazer dia de santiago /118 em despesas çertas E assy e hum /119 touro Decraramos as ditas cou- /120 sas nam serem de foros nem tribu- /121 tos Reaaees pera sedeuerem de /122 poer em foraaes em espiçial por /123 nam nam vermos ho original que destas /124 cousas ouue Por tanto as ditas /125 consti- tuyçoões mandamos ou vy /126 situações se cum pram segundo ne- /127 llas for decrarado E se costumauam /128 E os 19 que disto seguy- /129 rem Decraramos nam pertemçer /130 ans E as partes poderam Re /131 queryr o comendador E seus visita- /132 dores ou mestre segundo lhes bem /133 vier ou parecer. /134 E leuasse mais na dita villa /135 ho dito daçougagem desta /137 leua de cada boy que se corta no ta- /138 lho hum aRatal E outro tanto de vaca /139 E mais leua da dita vaca hum dos /140 ditos huvres E do porco que se /141 vende atalho ou _ os lom- /142 binhos de dentro E os pees todos /143 quatro. E por quanto juiizes /144 leuauam ora hum arratal de carnede /145 Reo que se vendia atalho De /146 craramos daquy por diante nam |147 se leuar mais assy por nama ver /148 pera ysso foralnem titollo autenti- /149 co como por nam seer

customado /150 nos outros lugares E villas de /151 nossos Regnos se leuar. /152 E Quanto aos onze çeitiis /153 que os juiizes leuauam de /154 cada carga de pescado que os almo- /155 creues de fora hy trazem a vender ave- /156 mos por bem que a leuem com tanto /157 que per sy vam repartir o dito pescado /158 E se nem foram mandados que o /159 nam aja E decraramos que do pesca- /160 do de que assy pagaram os ditos onze /161 çeitiis que se nam pague delle outro /162 derecho de portagem. /163 E pagasse mais anos por /164 dito real e a coroa de no- /165 ssos Reuynos hum Jantar em cada /166 huum anno em tempo limytado que /167 sam seis mil E setecentos Reaaes /168 desta moeda ora corrente Os quaes /169 samRa- partidos soldo_ per /170 todollos bens que há na dita terra /171 sem della serem escusos nenhumas /172 pessoas assy ecle- siásticas como se- /173 cullares os juiizes nam paga- /174 ramna dita colheita E jantar ho /175 anno que assy eram juiizes E serem /176 vsso mesmo escusos da dita paga os /177 caseiros E moradores dos casaaes /178 da hordem segundo d”au- /179 tigamente em posse sem com- /180 tradicam. E pagaram há or-dem /181 cada hum dos cinco teballiaaes que /182 há na dita villa cillicet dous das notas /183 E três do judicial çeinto E quorento E /183 quatro Reaes. E a dizima /185 das sentenças nam se leuaram hy /186 nunca polla dada dellas como se ora /187 leuauam E leuarsse ha somente a di- /188 zima da execucam segundo se comthi- /198 naem seu tombo E de tanta parte soo- /190 men-te se leuara de canta se fizer_ /191 cuçam posto que a sentença de moor com- /192 thia seja A qual Dizima senam leua /193 seja se leuou polla dada della em ou- /194 tra parte._em se leuaram hy /195 montados dos grados de fora por /169 quan-to nunca se leou E husaram /197 huuns comçelhos com outros per suas /198 posturas se-gundo se comçetarem. /199 E os maniinhos se daram pollo /200 sesmeyro guardando Intei- ramen-te /201 nossas ordenações Os Quaaes se /202 daram com ho foro da terra somente /203 sem mais ou-tro acreçemento nem /204 em nouaçam E serem avisados os /205 ses- meiros que nam daram as ditas /206 ses- marias e maniinhos omde façam /207 per- juizo aos outros vezinhos E comar- /208 caa(o)s. O gado he dito /209 real e arrexar- darsse a quando se perder se- /210 quando nossas ordenações com declaração /211 que a pes-ao _o mais deste capitollo /212 ate o fym E assy o capitollo da pena dar- /213 ma

MAS AFINAL, O QUE É O FORAL?

O Foral ou carta de Foral é um diploma concedido pelo Rei ou por um senhor laico ou eclesiástico a uma determinada terra, contendo um conjunto de disposições e normas que visam disciplinar as relações entre os povoadores ou habitantes e a entidade que atribui Foral. Antes deste documento existiu um outro tipo de documento, as Cartas de povoações. Estes eram documentos mais básicos, não eram nada mais nada menos que contratos agrários coletivos, onde estava implícito o objetivo de povoar algum local ou ainda atrair nova mão-de-obra a locais já habitados.

Os forais privilegiam o direito público, secundarizando o direito privado, os forais em regra visam matérias como: “liberdades e garantias das pessoas e dos bens dos povoa- dores; impostos e tributos; composições e multas devidas pelos diversos delitos e con- travenções; imunidades coletivas; serviço militar; encargos e privilégios dos cavaleiros vilãos; ónus e forma das provas judiciárias, citações, arrestos e fianças; aproveitamento dos terrenos comuns. Em carta régia de 22 de Novembro de 1447, D. Manuel I ordenou a actualização dos forais para “tornallos a tal forma e estilo que se possam bem entender e cumprir”.

D. Manuel, fez a reforma dos forais na tentativa de centralização do poder régio e na busca de uma uniformização económica, judicial e legislativa. Esta reforma é uma atualização das normas de vivencia muni- cipal, bem como a definição do modo como as vilas deviam proceder á atualização das rendas e dos direitos reais. Estes novos forais trouxeram uma crescente perda de privilégios por parte da nobreza e da auto- nomia local. Neste contexto e seguindo um processo iniciado em 1500 com a atribuição do foral a Lisboa, a vila de Arruda recebe o seu foral em 15 de Janeiro de 1517.

Eassy há portajem per cargas com /214 todollos capitollos E adições atte /215 o Fym do capitollo dos priuillgiados /216 que começa As pessoas eclesiásticas /217 E acaba E casas E famlliares de qual- /218 E acaba E casas E famlliares de qual- /218 quer calidade que sjam Em tudo h (e) /219 tal em esta villa da Ruda como em /220 villa verde fica decrarado sem acresc- /221 tar nem demenuyr tirando este capi- /222 tollo seguinte que há villa da Ruda tem /223 por seer da ordem O qual he diferente /224 do de villa verde. Comvem a saber /225 E assy o sera a cidade de nora E /226 as villas de guimaraaes Mo- /227 gadoyro Couylhãa a que foram dados /228 priuilegios de nam pagarem portagem /229 amte da era de mil E duzentos E vin- /230 te e quatro na qual foy feita doaçam /231 da dita villa da Ruda há hordem e Cauallaria de Santiago E assy o serem quaaes /223 quer lugares ou pessoas que o semelhante /234 priuilegio tiuerem E a dita villa em ssy /235 mesma E seu termo. E o capitollo /236 da decraração do priuilegio que começa /237 E as pessoas dos ditos lugares priuilligia- /238 dos__ E o capitollo da pena do foral /239 em tudo sam taaes em esta villa da Ru /240 da como em villa verde ut supra. Da- /241 da a em nossa muy nobre E sempre leal /242 cidade de lixboa aos quinze dias do /243 mês de Janeiro Anno do naçimento de /244 cidade de nosso senhor Jesu Christo de mil quinhentos /245 E dezassete E vay escripto ho original em /246 treze folhas e treze Regras sooescripto/ 247 E comçertado pollo dito fernão de pina.

HORA DO CONTO PARA CRIANÇAS E ADULTOS

A Fuga do Rei Dom Manuel I para a vila de Arruda

Numa das Cortes mais ricas e prósperas da Europa, uma terrível peste ameaça o futuro do reino de Portugal e de toda a família real. Sabendo que a poucas léguas de Lisboa, na vila encantada de Arruda, há uma estranha e poderosa erva que protege de todos os males, D. Manuel I refugia-se aqui, num dos seus muitos paços, garantindo a salvação de toda a família...

Este é o mote de para uma história divertida, em que, uma vez mais, o Bem vence o Mal e a principal heroína é Arruda e a sua poderosa erva.

Texto: Paulo Pimentel



3 e 4 de junho às 14.00h e às 16.00h
Na sala Jardim do Palácio do Morgado

TABERNA DA TERRA VELHINHA

A Taberna é um lugar central de animação. Congrega junto à taberna a reconstituição da praça da jorna/molhadura dos homens, jogo do pote do pau e do besouro e danças Tem ainda fado maroto humorístico e a oficina da cana rachada.



Domingo, dia 4 de junho, entre as 12 e as 20 horas
No Largo do Chafariz

RECRIAÇÕES HISTÓRICAS COM MÚSICA

Os músicos e atores da Terra Velhinha vão deambular pelo mercado com música e recriações de personagens históricas do séc. XIX

Domingo, dia 4 de junho, entre as 12 e as 20 horas
Pelas Ruas do Mercado

A LIBERTAÇÃO DO ADMINISTRADOR

O Povo Arrudense está cansado de invasores e está do lado do Administrador do concelho. Revoltados com a prisão do Administrador, um grupo de arrudenses invade a Casa da Câmara e libertam-no. Esta história não acaba com a libertação do Administrador do Concelho de Arruda, acaba com um desafio para um duelo... o Administrador desafia o inglês para um duelo, ao estilo do séc. XIX...

O duelo acontece no adro largo da Igreja, ao fim da tarde, mas não acaba com mortes, acaba com a desistência e humilhação do inglês, que se retira definitivamente da vila de Arruda.

Dia 4 de junho pelas 17 horas
Em frente ao Edifício dos Paços do Concelho, junto à Igreja de Nossa Senhora da Salvação

300 ANOS DE HISTÓRIA E DE FÉ

O Externato João Alberto Faria - Pólo Profissional, irá levar a cabo uma apresentação teatral, junto da “Taberna da ti Balbina”, na rua do Adro junto à Igreja, que aborda o tema histórico da estada de D. Manuel I na Vila de Arruda, e a época dos Descobrimentos Portugueses, que trouxeram a Portugal grande prosperidade e prestígio internacional.

O país vivia um período de grandes avanços para os quais muito contribuíram os judeus com as suas profissões e riquezas. Os decretos do rei D. Manuel I obrigavam à conversão ou à expulsão dos judeus do reino de Portugal. A corte de D. Manuel I era itinerante devido às muitas pestilências, doenças e secas que assolavam o reino. Os vinte e seis anos do seu reinado, conheceu períodos de grande fartura, mas também de grandes desgraças. D. Manuel I ficou conhecido como o rei da Gloriosa Memória, pois foi no seu reinado que se chegou à Índia e se fez a Reforma dos Forais.

Iremos dar a conhecer que a esta ilustre Vila foi concedida Carta de Foral, pelo rei D. Manuel I, há precisamente 300 anos.

MÚSICA, MUITA MÚSICA!

Animação etnográfica e musical por vários grupos folclóricos regionais e nacionais. Venha aprender como se cantava, tocava e vivia como dantes.

3 junho, durante o horário do Mercado

ENCONTRO DE GRUPOS FOLCLÓRICOS

Animação etnográfica e musical por vários grupos folclóricos regionais e nacionais.



3 junho, entre as 20.00h e as 22.00h
No largo do Chafariz

GRANDIOSO RITUAL DA ENCHARCADA ARRUDENSE

Este espetáculo rebusca as rezas e as mezinhas da tradição ancestral Arrudense. Usando as mais aromáticas ervas que o fértil solo de Arruda dos Vinhos dá, assistiremos, em torno do Monumental Chafariz Pombalino, ao grandioso ritual de defumadouro para afastar o mau-olhado e expulsar de vez os maus espíritos que assolam as vinhas e azedam os vinhos! Este ritual termina com a oferta de encharcada Arrudense à população, celebrando também os 300 anos de identidade do concelho de Arruda e das suas gentes.

Durante a encharcada, que é interrompida pelos ingleses, o Administrado do Concelho acaba por ser detido, passando a noite encarcerado na cela da Câmara.

No final, há animação musical com os Gai-teiros Dum Trago.



Sábado, 3 de junho, a partir das 22.00h
No largo do majestoso Chafariz de Arruda, na Rua Direita

NOTÍCIAS DO REINO DE PORTUGAL ANO DE 1817

LIBERAIS AMEAÇAM O GOVERNO ABSOLUTISTA DE D. JOÃO VI

Como sabemos, a família Real abandonou o país e refugiou-se no Brasil, em 1807, deixando o povo português entregue à sua própria sorte. Escoltado pelos ingleses, a família real foi acolhida com entusiasmo no Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro beneficiou com a estadia real, transformando-se numa metrópole, por isso também escapou ao contágio da revolução, e nem pensou em reclamar a sua independência.

Certo é o abandono sofrido pelos portugueses de Portugal. D. João VI continua a demorar-se pelas Américas e, nós por cá, estamos inquietos e indignados com tal des-governo. O general Beresford, que ficou por cá depois dos franceses abandonarem o nosso país, comanda nosso exército, muitos oficiais ingleses comandam os nossos regimentos, ou seja, os ingleses governam mais do que a regência.

Mas, o povo está farto! As ideias liberais fomentadas pela revolução francesa estão a espalhar-se por toda a Europa. Portugal e Brasil não ficam de fora, estão a acontecer revoluções por todo o reino. Esta situação tem alterado o ânimo do povo, a opressão torna o povo sofedor, desta vez às mãos dos ingleses. Em Portugal as conspirações revoltosas podem acabar cruelmente, com a morte de Gomes Freire de Andrade. No Brasil, nalgumas províncias, as ideias republicanas e as de autonomia americana estão a proliferar por entre os cidadãos que sonham com a “Liberdade”, “Igualdade” e a “Fraternidade”. A revolução também rebentou em Pernambuco, mas a regência tenta prontamente sufocá-la.

REPRIMIDAS CONSPIRAÇÕES LIBERAIS EM PORTUGAL.

Foi executado o General Gomes Freire de Andrade

Foi cumprida a sentença, Gomes Freire de Andrade foi enforcado no dia 18 de Outubro, em frente da fortaleza de São Julião da Barra.

O malogrado General foi acusado de conspirar contra a regência de Miguel Pereira Forjaz, com quem tem ligações familiares (eram primos!) e contra o Marechal Beresford.

Devido à situação em que se encontra a política portuguesa, El Rey D. João VI a viver no Brasil e um general inglês, o Beresford, a governar o país, esta revolta era já temida pelos governantes. Acreditamos que por esses nossos governantes temerem tanto a vontade dos portugueses, os réus foram punidos de forma a dar exemplo a futuras tentativas.

É sabido que o julgamento não seguiu os processos normais, foi demasiado rápido e os doze réus não puderam sequer apelar ao perdão do rei.

Apesar do julgamento ser apenas da responsabilidade dos governadores do reino e de juizes portugueses, o povo sabe que o Marechal Beresford é o autor moral da morte de portugueses, entre eles o General Gomes Freire de Andrade. A morte de Freire de Andrade, está a aumentar o ódio que o povo português sente por esse inglês.

Gomes Freire de Andrade era de origens aristocratas, nasceu a 27 de Janeiro de 1757, na cidade de Viena, na Áustria, e foi uma grande figura no meio militar do nosso reino, embora um pouco controverso.

Gomes Freire de Andrade, filho de Ambrósio Freire de Andrade, embaixador de Portugal em Viena entre 1752 e 1770, primo direito do primeiro e segundo Condes de Bobadela, veio para Portugal pela mão do embaixador de Portugal em Viena, o conde de Oyenhausen e de sua mulher, D. Leonor de Almeida Portugal, a marquesa de Alorna.

Viveu até aos 24 anos em Viena e chegou a Portugal em 1781, tendo ingressado no regimento de infantaria de Peniche. As suas origens aristocratas ajudaram a uma célere subida de postos, mas não tão rapidamente quanto ele desejava e, utilizou todos os meios ao seu alcance para subir rapidamente na hierarquia transferindo-se para a Marinha de Guerra, tendo aproveitado a guerra da Rússia contra o Império Otomano, e a assinatura do tratado de Amizade e Aliança entre Portugal e a Rússia, para se propor voluntário para o exército russo, na guerra empreendida pela imperatriz Catarina e dirigida pelo célebre general Potemkine, conflito que terminará com a conquista da Crimeia pela Rússia.



Gomes Freire de Andrade

Foi no exército russo que a sua ascensão na hierarquia foi mais rápida, e estas promoções foram sempre confirmadas em Portugal. Chegado a Portugal em 1793, Freire de Andrade já era coronel, desde 1790, do Regimento da guarnição de Lisboa.

Foi nomeado comandante da brigada de granadeiros, que foi criada no exército auxiliar português que combatia na Catalunha e utilizou os conhecimentos e experiência militar adquirida contra os otomanos e contra os franceses, na guerra entre a Prússia e a França, na fronteira setentrional da França, a seu favor.

Após o ter regressado a Portugal, propôs a criação de uma Legião de Tropas Ligeiras,

proposta esta que foi aceite e posta em prática, mas com o comando entregue ao marquês de Alorna.

Chegou a marechal de campo graduado em 1795 e manteve-se no comando do seu regimento da guarnição de Lisboa até à guerra de 1801, já tendo sido promovido a marechal de campo efectivo. Em 1807, já tenente-general, durante a primeira invasão francesa, foi encarregue do comando da divisão que defendia a margem Sul do Tejo e Setúbal, contra um ataque britânico. Recebeu o general Solana em Setúbal, aceitando o encargo de desmobilizar a parte do exército português aquartelado no Sul do país e desarmar os regimentos de milícias.

Gomes Freire era conhecido entre os seus pares como o general russo, “título” atribuído de uma forma pouco elogiosa. Esteve também envolvido em várias polémicas políticas e intrigas palacianas. Já com um antecedente polémico, esteve envolvido na tentativa de colocar a princesa Carlota Joaquina no poder, em finais 1805,

A colaboração com os ocupantes espanhóis e franceses, fê-lo ser nomeado para 2.º comandante do exército português, reformado de acordo com os regulamentos franceses, que se dirigiu em Abril de 1808 para França, onde foi integrado no exército francês com o título de *Légion Portugaise*.

Assim acabou Gomes Freire, enforcado em frente da fortaleza de São Julião da Barra, após a descoberta da tentativa de golpe de Estado, conhecida como a conspiração de 1817.

GOMES FREIRE DE ANDRADE TENTA A “RECONQUISTA” DE PORTUGAL E PODE ACABAR MORTO NA FORÇA PELAS “MÃOS” DA “REGÊNCIA” INGLESA

O general Gomes Freire de Andrade foi acusado de conspiração contra os governadores ingleses do Nosso amado Reino de Portugal. Segundo a acusação, um grupo de jovens oficiais pertencentes à Loja Maçónica de Santarém levou por diante uma tentativa de golpe de Estado, com o objetivo de prender os governadores do Reino e o Marechal Beresford.

Um traidor terá revelado informação secreta sobre o que pretendiam fazer, o que todo o povo português quer: um governo provisório liberal, uma reunião das cortes, uma constituição e a eleição de um rei constitucional.

HÁ REVOLTAS POR TODO O REINO!

Os Liberais ganham terreno no Brasil. Foi Proclamada a República em Pernambuco

A tenção está a aumentar, a revolução já deu início, deu-se a ocupação de Recife, a 6 de março. No regimento de artilharia, o capitão José de Barros Lima, um dos revoltosos, matou a golpes de espada o comandante Barbosa de Castro. Foi esta a reação que o capitão José de Barros Lima teve à voz de prisão do comandante do regi-

mento de artilharia do Recife. O quartel foi tomado por um grupo de militares rebeldes, tendo também erguido trincheiras nas ruas vizinhas para impedir o avanço das tropas monarquistas.

O movimento foi liderado por Domingos José Martins, com o apoio dos religiosos Padre João Ribeiro, Padre Miguelinho, Padre Roma, Vigário Tenório, Frei Caneca e mais Antônio Carlos de Andrada e Silva (irmão de José Bonifácio), José de Barros Lima, Cruz Cabugá, José Luiz de Mendonça e Gervásio Pires, entre outros. Este grupo conseguiu dominar o Governo de Pernambuco, tomaram conta do tesouro, instalaram um governo provisório e proclamaram a República.

Decorreu a 29 de março a assembleia constituinte convocada na sequência da revolta iniciada a 6 de março. Estiveram presente os representantes eleitos em todas as comarcas. Esta assembleia decretou o que todos estavam à espera: a separação entre os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário; o catolicismo foi mantido como religião oficial — porém com liberdade de culto —; foi proclamada a liberdade de imprensa (uma grande novidade no Brasil); e foram abolidos alguns impostos. Foi implantada a República naquela região! No entanto sabemos que a escravidão ainda não foi abolida.

Sabemos que a revolta estava para acontecer a qualquer momento e as causas são conhecidas de todos. Este grupo de revoltosos são anti o absolutismo monárquico português e estão fartos dos enormes gastos da Família Real e seu séquito recém-chegados ao Brasil.

As enormes quantias de dinheiro que o Governo de Pernambuco é obrigado a enviar para o Rio de Janeiro, do bolso do povo de Pernambuco, para custear as despesas exorbitantes da Corte, onde se incluem, para além de salários, festas, roupas e banquetes.

O Governo de Pernambuco vê-se obrigado a aumentar impostos, o que dificultava o investimento para resolver os problemas locais, atrasos no pagamento dos soldados, gerando grande descontentamento do povo pernambucano e brasileiro.

Os revoltosos não estão sozinhos, contam também com algum apoio internacional como dos Estados Unidos da América e de alguns ex-oficiais de Napoleão. Os Estados Unidos da América mostram-se favoráveis à revolução, porque é no Recife que está localizado o primeiro Consolado no Hemisfério Sul, devido às relações comerciais com Pernambuco e, os ex-oficiais de Napoleão Bonaparte pretendem resgatar o seu líder do cativo em Santa Helena, levá-lo a Pernambuco e depois a Nova Orleães.

CONTINUA A GUERRA PELO ALARGAMENTO DAS FRONTEIRAS DO BRASIL. FOI TOMADA A CIDADE DE MONTEVIDEO

Continua a Invasão Portuguesa à Banda Oriental do continente sul americano com o conflito armado que está a decorrer desde 1816. As tropas do Reino Unido de Portugal, do Brasil e dos Algarves, tenta a anexação da Banda Oriental ao Reino do Brasil sob o

nome de Província da Cisplatina.

A 30 de março de 1816, desembarcou no Rio de Janeiro a *Divisão de Voluntários Reais do Príncipe*, proveniente de Portugal e constando de duas brigadas, cada uma com dois batalhões de infantaria, um corpo de cavalaria e artilharia comandados por oficiais veteranos da Guerra Peninsular.

Logo após sua chegada, iniciou-se a mobilização do resto das tropas portuguesas para a invasão do Uruguai. Pelo litoral, embarcou a Divisão de Voluntários Reais em 12 de junho de 1816 para Santa Catarina, enquanto as tropas da fronteira do Rio Pardo defenderiam as linhas dos rios Uruguai e Quaraí.

Depois das batalhas de Sant’Anna, Carumbé, Ibiraoaí e Arapeí, Artigas, o chefe da resistência, foi derrotado na Batalha de Catalão, em 4 de janeiro de 1817. Ao mesmo tempo, a Divisão de Voluntários Reais chegava a Maldonado, entrando em Montevideú 16 dias depois, em 20 de Janeiro de 1817, sem encontrar resistência. Desta forma, Portugal, depois de 40 anos, coloca a sua fronteira brasileira no Rio da Prata.

BERESFORD: SALVADOR OU INVASOR?

William Beresford é um homem que já conquistou um lugar na história de Portugal, sobretudo devido às circunstâncias exceccionalmente dramáticas das guerras contra os exércitos napoleónicos.



Lord Beresford

Inicialmente a presença britânica foi bem acolhida pelo povo português, tendo reconhecido aos ingleses o papel de “salvadores” (a família real foi para o Brasil).

Eles ajudaram a organizar e disciplinar os exércitos, a organizar o país, mas serão eles, os ingleses, “colonizadores informais” de Portugal? Estarão eles a aproveitar as grandes dificuldades vividas desde 1808 para imporem um domínio efetivo sobre o nosso país?

Beresford, conhecido pelo seu trato pouco britânico, pois é brutal, rude e ignorante, foi o escolhido pelos britânicos para reorganizar os exércitos em Portugal mas, hoje, concentra em si todos os ódios da indignação nacionalista. William Beresford tem a perfeita noção do sentimento do povo e até dos oficiais militares portugueses, em relação à regência inglesa e à necessidade de D. João VI regressar a Portugal, expressa na carta dirigida ao marquês de Campo Maior, data de 11 de Agosto de 1817. Beresford tem a perfeita percepção do esgotamento económico e financeiro que o país está a sofrer.

Beresford, compreende os profundos problemas sociais e económicos com que o país se debate, ou não. A sua relação com os governadores do nosso reino é de conflito, e nós sabemos qual o interesse deste oficial inglês, ele não está propriamente interessado nos problemas económicos e sociais do nosso povo, todos sabemos que Beresford é um homem com pouca imaginação, com poucas ideias para um governo justo, eficaz e liberal. As suas preocupações são de curto prazo e a preservação do exército é a sua maior preocupação. Beresford, não é uma figura representativa das tradições liberais e democráticas britânicas, sendo antes fruto de uma tradição totalmente diferente

Contudo, com todas estas “qualidades” conhecidas e reconhecidas por ingleses e portugueses, William Beresford sempre tem recebido apoios para a sua estranha permanência à frente do exército português, mesmo depois de acabada a guerra. Talvez a sua fama de “disciplinador” tenha contribuído para isso, não será, com certeza, pela sua capacidade militar. Na verdade, esse papel de “disciplinador” é apoiado pelos governadores portugueses.

Beresford, como é sabido, tem tido conflitos com os governadores portugueses que ficaram a governar Portugal, mas tenta passar pela resistência e recorre com êxito ao apoio do governo de D. João VI no Rio de Janeiro. Nestes anos em que a “capital” do reino está localizada no Rio de Janeiro, Beresford torna-se um agente da coroa, que exerce uma investida sobre Portugal. Isto significa que o projeto político da coroa para o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, passa por localizar de forma efetiva a regência no Brasil. Beresford funciona às mãos do rei como uma retaguarda militar que tenta impor a lei e a ordem em Portugal depois de anos de invasões francesas.

Beresford sabe contudo, como já foi dito, que o descontentamento cresce contra ele e contra o seu governo militar. Embora se tenha tentado distanciar da repressão exercida sobre os homens envolvidos na revolução /conspiração de Gomes Freire, insinuando que mais conspiradores teriam ficado na sombra, é muito provável que a repressão sobre os militares condenados foi tão rápida e brutal devido ao seu consentimento e apoio.

LUTA PELA LIBERDADE DE IMPRENSA GANHA FORÇA EM INGLATERRA

William Hone escritor inglês, satírico e livreiro, está a travar uma árdua batalha judicial vitoriosa contra a censura do governo, reconhecendo-se que esta sua contenda marca um ponto de viragem na luta pela liberdade de imprensa no Reino Unido.

William Hone foi julgado em três julgamentos separados que tiveram lugar no Guildhall antes de júris especiais em 18, 19 e 20 de dezembro de 1817.

Em abril de 1817 três acusações foram apresentadas contra si pelo procurador-geral, Sir William Garrow. A primeira, por causa da publicação de “The Late John Wilkes”s Catechism of a Ministerial Member (1817)”, a segunda, por parodiar e difamar o Príncipe Regente com a obra “Prince Regent

in The Political Litany (1817)”, e o terceiro, por publicar o Sinecurist”s Creed (1817), uma paródia sobre o Credo Atanasiano.

As obras de Hone são acusadas de serem prejudiciais à moral pública. Sabemos que os verdadeiros motivos da acusação são políticos, pois, Hone ridicularizou os hábitos e expôs a corrupção dos que estavam no poder em Inglaterra. Apesar da doença e da exaustão, Hone falou em cada um dos três dias por cerca de sete horas. Embora alguns dos juízes fossem contra ele, Hone foi absolvido em cada processo, e o resultado foi recebido com entusiasmo pelas imensas pessoas que lutam contra o absolutismo em Inglaterra.

MORREU MASSÉNA, O GENERAL FRANCÊS QUE SE RENDEU PERANTE AS LINHAS DE TORRES



Morreu André Masséna, general francês que em 1810 e 1811 comandou a Terceira Invasão Francesa a Portugal durante a Guerra Peninsular. Nasceu em Nice, a 6 de maio de 1758 e faleceu a 4 de abril de 1817. De origem burguesa, fez carreira na Marinha mercante até aderir à Guarda Nacional da França. Durante as guerras revolucionárias de França, ascendeu rapidamente na hierarquia militar devido aos seus feitos durante a Campanha de Napoleão em Itália e, foi feito Príncipe d’Essling, por Napoleão Bonaparte, já durante o império. Apesar de ser reconhecido pelos seus feitos militares por Itália, não foi bem sucedido em Portugal, rendeu-se perante as Linhas de Torres.

PRÍNCIPE D. PEDRO, HERDEIRO DO TRONO DO REINO UNIDO DE PORTUGAL, BRASIL E ALGARVE, CELEBRA CASAMENTO COM D. MARIA LEOPOLDINA DA ÁUSTRIA

A cerimônia do casamento, celebrada pelo Arcebispo de Viena, realizou-se na terça-feira dia 13 de maio de 1817. A cerimônia foi realizada por procuração, na Igreja de Santo Agostinho, em Viena.

D. Pedro, filho de João VI e de Carlota Joaquina de Bourbon, encontra-se, como é sabido, no Brasil, e foi representado pelo tio de Dona Leopoldina, o arquiduque Carlos da Áustria-Teschen, conhecido como grande

chefe militar e herói da Batalha de Aspern-Essling, ocorrida em 1809. A bênção nupcial só aconteceu a 6 de novembro de 1817, já com Maria Leopoldina no Rio de Janeiro.

REORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO, REPERCUSSÕES DA REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA

Uma das consequências da Revolução Pernambucana foi a criação, a 16 de setembro de 1817, da Capitania de Alagoas, desligando-se da Capitania de Pernambuco, da qual era comarca. A sua capital é a vila de *Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul*. Alagoas constituiu-se comarca em 1711, subordinada a Pernambuco, e tornou-se agora autónoma pelo Decreto de 16 de setembro de 1817, assinado pelo governo revolucionário.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: FOI CRIADO O ESTADO DO MISSISSIPPI

O Mississippi, região dos Estados Unidos, foi criado em 1798, tendo sido agora, a 10 de dezembro de 1817, elevado a Estado.

A origem do nome deve-se ao rio Mississippi, que corre ao longo da fronteira oeste deste novo Estado. *Mississippi* é uma palavra de origem ameríndia, a língua Ojibwe, que significa “grandes águas” ou “pai das águas”.

A região do Mississippi foi inicialmente colonizada pelos castelhanos, mas anexado pelo Reino Unido, sob os termos do Tratado de Paris. Com a independência das Treze Colônias, a região passou a fazer parte dos recém-criados Estados Unidos.

PROGRESSOS NA CIÊNCIA. DESCOBERTO UM NOVO ELEMENTO QUÍMICO, O “SELÉNIO”

O reconhecido químico sueco Jöns Jacob Berzelius descobriu um novo elemento químico, o “Selénio”. O feito deu-se quando Jacob Berzelius visitou uma fábrica de ácido sulfúrico.

O “selénio”, é um elemento químico de símbolo “Se”, com número atômico 34 e com massa atômica de 78u. O selénio encontra-se no estado sólido e é um não-metal, do grupo dos calcogénio, e é também um elemento essencial para a maioria das formas de vida.

Jacob Berzelius é considerado um dos “pais” da química moderna, formulando alguns dos seus conceitos fundamentais. Estudou medicina na Universidade de Uppsala e foi professor de medicina, farmácia e botânica no Instituto Karolinska de Estocolmo. Tem vindo a desempenhar trabalho de pesquisa científica, e tem vindo a descrever vários elementos químicos até então desconhecidos: o “cério”, em 1803, e o “selénio”, em 1817.

O REINO UNIDO ESTÁ DE LUTO: FALECEU A PRINCESA CARLOTA DE GALES

A morte da princesa Carlota provocou uma grande onda de luto por todo o Reino Unido. A princesa Carlota morreu ao dar à luz.

Carlota de Gales, nascida na cidade de Londres, a 7 de janeiro de 1796, faleceu em Surrey e 6 de novembro de 1817, e era a única filha do casamento entre o Jorge, Príncipe de Gales, herdeiro do trono do Reino Unido e Carolina de Brunsvique, separada do príncipe Jorge pouco depois do casamento.

A vida da princesa Carlota foi um tanto ao quanto infeliz, os seus pais odiavam-se e terá sido deixada pelo príncipe Jorge ao cuidado de várias governantas e criadas, mas ainda assim não permitia que houvesse muito contacto entre ela e a sua mãe, a princesa Carolina.



Com a chegada à idade adulta foi pressionada pelo seu pai para se casar com o príncipe-herdeiro Guilherme de Orange, dos Países Baixos, mas pouco depois de aceitar, Carlota não aguentou viver na mentira e não suportava a ideia de ter que passar pelo mesmo que os seus pais passaram, então, decidiu terminar o noivado.

Carlota foi apenas feliz no amor depois de se casar com o duque Leopoldo de Saxe-Coburgo-Saalfeld, da Bélgica. Este amor provocou uma série de contendas entre a princesa e o pai até que, finalmente, o Príncipe de Gales lhe deu permissão para se casar com o duque.

Mas apesar do casamento feliz a má sorte de Carlota continuou, e ironia do destino, Carlota morreu ao dar à luz um filho também já sem vida.

A morte de Carlota provocou uma grande onda de luto por o Reino Unido, era uma princesa muito querida pelo povo. O povo inglês considerava a falecida princesa como um sinal de esperança para Inglaterra, em contraste com o seu pai, pouco popular entre os ingleses, e com o seu avô, que é considerado louco!

ROSSINI ESTREIA “LA CERENTOLA” – “A CINDERELA”

Depois do sucesso da ópera “Le Barbier de Sévill” – “O Barbeiro de Sevilha”, apresentada em 20 de Fevereiro de 1816, no Teatro Argentina, em Roma, Gioachino Rossini apresenta “A Cinderela” ou “La Cerentola”, em italiano, no Teatro Valle em

Roma, no dia 25 de janeiro de 1817.

“La Cerentola, ossia La bontà in trionfo” – “A Cinderela, ou A bondade em triunfo”, em português, é uma opera buffa em dois atos com música do compositor italiano Rossini e libreto de Jacopo Ferreti. É baseada no conto de fadas “Cinderela”, do escritor francês Charles Perrault, e foi composta em apenas 24 dias.

“A Cinderela” foi tão bem aceite como “O Barbeiro de Sevilha” e, é considerada uma das óperas de Rossini mais difíceis para se interpretar. Além do talento de Rossini para a comédia, a ópera é famosa pelo registo vocal acrobático do compositor, o que exige uma grande agilidade da linha vocal dos cantores.

O TEATRO DE SAN CARLO EM NÁPOLES RENASCE DAS CINZAS

Foi há um ano que relatamos o fatídico incêndio que destruiu o belo Teatro de San Carlo em Nápoles mas, quase um ano depois, no dia 12 de janeiro de 1817, exatamente dez meses depois do incêndio, o teatro, agora reconstruído, foi inaugurado com uma performance de “Il sogno di Partenope” de Johann Simon May. Com a reconstrução foi concebido um auditório tradicional em forma de ferradura, com 1.444 lugares e um proscênio de 33,5 metros de largura e 30 metros de altura e o palco tem 34,5 metros de profundidade.

A LITERATURA INGLESA FICA MAIS POBRE MORREU JANE AUSTEN

Nascida a 16 de dezembro de 1775 em Steventon, Hampshire, Jane Austen, reconhecida escritora inglesa, morreu a 18 de julho de 1817, em Winchester.



Proveniente de uma família da nobreza agrária, Jane Austen, serve-se do seu próprio contexto social e familiar como base para as suas obras literárias. A ironia que

utiliza para descrever as personagens de seus romances coloca as suas obras entre os clássicos.

Em 1809 dedica-se a escrever “Sense and Sensibility”, aceite por um editor em 1810. Foi publicado de forma anónima, em outubro, como pseudónimo: “By a Lady” e até recebeu algumas críticas favoráveis.

Animada pelo êxito de “Sense and Sensibility”, publicou também “Pride and Prejudice”, editado em novembro de 1812 e publicado em janeiro de 1813. Ao mesmo tempo, ca trabalhou na obra “Mansfield Park”, publicado em maio de 1814, tendo vendido todos os exemplares em apenas seis meses. Em dezembro de 1815 publicou “Emma”, obra dedicada ao príncipe regente de Inglaterra.

No início de 1817 começou a obra “Sanditon” porém, teve que abandonar a obra por seu estado de saúde. Para receber tratamento médico foi levada a Winchester, onde acabou por falecer aos 41 anos.

Dizem por Inglaterra que as suas últimas palavras foram: “Não quero nada mais que a morte”.

A FRANÇA ESTÁ DE LUTO!

Faleceu a 18 de outubro de 1817 o compositor francês Étienne Henri Méhul, ou também conhecido como Nicolas Méhul. É considerado pelos franceses o mais importante compositor de ópera na França durante a Revolução Francesa.



Nicolas Méhul nasceu em Givet, Ardennes, região de colinas montanhosas partilhada principalmente pela Bélgica e Luxemburgo, mas estende-se também à França. Proveniente de uma família demasiado pobre para lhe dar uma educação musical regular, as suas primeiras lições vieram de um pobre cego organista da Givet. Em 1775 tornou-se aprendiz de um músico e organista alemão, Wilhelm Hauser, que foi contratado para o mosteiro de Lavaldieu, a poucos quilómetros de Givet. Ele também foi o primeiro compositor a ser chamado de “Romântico”.

DRAISIANA

A Draisiana, ou dresina é um veículo de duas rodas inventado em 1817, uma versão primitiva da bicicleta - sem pedais. Foi chamada de draisiana em homenagem ao seu inventor, Karl Drais.

Karl Drais foi um inventor alemão, A sua primeira viagem relatada foi entre de Mannheim a Rheinau (Alemanha) e aconteceu a 12 de junho de 1817.

A draisiana é a primeira definição fiável do uso prático de uma bicicleta. Foi o primeiro veículo desse tipo que obteve êxito comercial na sua época, por ser dirigível. Na draisiana a tração era fornecida pelos próprios pés, por meio através de empurrões do condutor contra o solo, semelhantemente ao que se faz numa trotinete, mas com a alternância das pernas. Não tardou até que fosse desenvolvido um modelo com pedal na roda dianteira, que se denominou por velocípede.



A COMIDA ENLATADA

No ano de 1810, um mercador inglês chamado Peter Durand patenteou um método inovador para conservar os alimentos. A técnica consistia em colocar verduras e carne em potes fechados e cozinhá-los por um longo período de tempo. Embora essa técnica já fosse usada na França desde o século XVIII, a inovação de Durand era a embalagem: latas metálicas. Para conseguir a patente, que era concedida pelo rei, Durand precisou passar por um teste, enviando comida enlatada a bordo dos navios ingleses por um período de 4 a 6 meses. Comprovada a eficácia do método, Durand registrou a patente da comida enlatada.

PRIMEIRA CIRURGIA PLÁSTICA - 1814

A primeira cirurgia plástica de que se tem notícia foi realizada na Inglaterra pelo médico Joseph Constantine Carpue. O paciente foi um oficial do exército que perdera boa parte do nariz devido aos tratamentos com mercúrio, que era usado como medicamento naquele tempo. Carpue cortou uma tira de pele da testa do paciente, torceu, dobrou e fixou com pontos, para depois moldar um nariz novo. Após várias semanas em recuperação, o oficial ter-se-á espantado ao olhar no espelho e ver um nariz no rosto novamente.

A cirurgia foi um sucesso por ter usado pele do próprio paciente. Carpue repetiu o experimento com outro soldado e os resultados foram os mesmos. Sabe-se que no séc VI a.C. cirurgiões egípcios já realizavam operações semelhantes.



Ilustração de um manual de cirurgia corretiva de 1833, com a mesma técnica de enxerto usada por Carpue.

NOTÍCIAS DO REINO DE PORTUGAL ANO DE 1517

SABIA QUE... D. Maria de Aragão e Castela, segunda esposa de D. Manuel I de Portugal, rainha de Portugal desde 1501, faleceu a 7 de março de 1517 com apenas 35 anos, de causas naturais e foi sepultada no Convento da Madre de Deus, donde foi trasladada para o mosteiro de Belém (Mosteiro dos Jerónimos).

SABIA QUE... A 20 de Junho de 1517 D. Manuel atribui Foral ao Porto. Este Foral “novo”, veio substituir o Foral de 1123.

SABIA QUE...Em 1517, D. Manuel I atribui nova Carta de Foral a Guimarães.

SABIA QUE... A 20 de agosto de 1517, D. Manuel I outorga Carta de Foral a Salvaterra de Magos.

SABIA QUE... Em 1517 D. Manuel eleva Olivença ao título de Vila Notável.

SABIA QUE... Em 1517 são feitos os primeiros contactos oficiais entre Portugal e a China. D. Manuel I enviou Fernão Pires de Andrade e Tomé Pires, para estabelecer relações oficiais entre o Império Português e a Dinastia Ming, no reinado do Imperador Zhengde.

SABIA QUE... A 6 de setembro de 1517 em Lisboa nasceu Francisco de Holanda, ou Francisco d’Olanda, conceituado humanista, arquitecto, escultor, desenhador, iluminador e pintor português. Considerado um dos mais importantes vultos do renascimento em Portugal, foi também ensaísta, crítico de arte e historiador.

CURIOSIDADES CIENTÍFICAS

INVENÇÃO DA LOCOMOTIVA - 1813

George Stephenson era um rapaz pobre que vivia numa região de mineração da Inglaterra. Em 1813, ele foi responsável por construir o primeiro motor a vapor totalmente funcional. A primeira locomotiva foi pensada para transporte de carvão, mas logo o ‘comboio’ começou a transportar outros materiais e mais tarde pessoas.



PROGRAMAÇÃO

2 DE JUNHO

(sexta-feira)

20.00H - ABERTURA DO MERCADO OITOCENTISTA

Local: Escadaria dos Paços do Concelho

21.30H - O ADMINISTRADOR DO CONCELHO DÁ AS BOAS VINDAS AOS ARRUDENSES E FORASTEIROS ANIMAÇÃO TEATRAL

Local: Varanda dos Paços do Concelho
Participação: Inóxio, Associação Cultural

22.00H - BAILE QUINHENTISTA

Local: Pátio do Palácio do Morgado
Participação: Grupo Cénico CRDA, Danças com História, Inóxio, Associação Cultural

22.00H / 01.00H - ANIMAÇÃO MUSICAL COM GAITEIROS DUM TRAGO

Local: Recinto do Mercado

01.00H - ENCERRAMENTO DO MERCADO

3 DE JUNHO

(sábado)

12.30H - ABERTURA DO MERCADO

14.00H / 17.00H - JOGOS TRADICIONAIS

Local: Adro da Igreja
Participação: Terra Velhinha

14.00H e 16.00H - HORA DO CONTO - A FUGA DO REI DOM MANUEL I PARA A VILA DE ARRUDA

Local: Biblioteca Irene Lisboa - Sala Jardim
Participação: Biblioteca Irene Lisboa

15.00H / 20.00H - ANIMAÇÃO MUSICAL E RECRIAÇÕES ETNOGRÁFICAS

Local: Recinto do Mercado
Grupo de Rancho e Cantares da Seramena (Sobral de Monte Agraço)
Rancho Folclórico e Artístico de Antões (Pombal)
Rancho Folclórico da Trofa (Trofa)
Rancho Folclórico Podas e Vindimas (Arruda dos Vinhos)

16.30H - VISITA GUIADA À IGREJA MATRIZ “O PATRIMÓNIO ARTÍSTICO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO”

Visita gratuita e sem marcação prévia.
Local: Igreja Matriz
Participação: Paróquia de Arruda dos Vinhos.
Visita guiada por Ana Raquel Machado (Mestre em História de Arte)

20H00 / 22.00H - ANIMAÇÃO MUSICAL E RECRIAÇÕES ETNOGRÁFICAS

Local: Largo do Chafariz / Rua Direita
Grupo de Rancho e Cantares da Seramena (Sobral de Monte Agraço)
Rancho Folclórico e Artístico de Antões (Pombal)
Rancho Folclórico da Trofa (Trofa)
Rancho Folclórico Podas e Vindimas (Arruda dos Vinhos)

22.00H - ENCHARCADA ARRUDENSE - GRANDIOSO RITUAL DA ENCHARCADA ARRUDENSE

Local: Largo do Chafariz / Rua Direita
Participação: Grupo Cénico CRDA, Inóxio, Associação Cultural

23.30H / 01.00H - ANIMAÇÃO MUSICAL COM GAITEIROS DUM TRAGO

Local: Largo do Chafariz / Recinto do Mercado
Participação: Gaiteiros Dum Trago

01.00H - ENCERRAMENTO DO MERCADO

4 DE JUNHO

(domingo)

12.00H - ABERTURA DO MERCADO

13.00H / 17.00H - TABERNA DA TERRA VELHINHA - ANIMAÇÃO TEATRAL

Local: Largo do Chafariz
Participação: Terra Velhinha

12.00H / 20.00H - RECRIAÇÕES HISTÓRICAS COM MÚSICA

Local: Recinto do Mercado
Participação: Terra Velhinha

14.00H e 16.00H - HORA DO CONTO - A FUGA DO REI DOM MANUEL I PARA A VILA DE ARRUDA

Local: Biblioteca Irene Lisboa - Sala Jardim
Participação: Biblioteca Irene Lisboa

15.00H - DANÇAS DE ÉPOCA MANUELINA

Local: Pátio do Palácio do Morgado
Participação: Alunos dos Centros Escolares de Arruda dos Vinhos e de Arranhó

16.00H - DANÇAS DE ÉPOCA MANUELINA

Local: Local - Pátio do Palácio do Morgado
Participação: Alunos dos Centros Escolares do Casal do Telheiro e de S. Tiago dos Velhos

17.00H - A LIBERTAÇÃO DO ADMINISTRADOR ANIMAÇÃO TEATRAL

Local: Rua do Adro - Edifício dos Antigos Paços do Concelho
Participação: Grupo Cénico CRDA, Inóxio, Associação Cultural

19.00H - O DUELO LOCAL ANIMAÇÃO TEATRAL

Local: Rua do Adro - Edifício dos Antigos Paços do Concelho
Participação: Grupo Cénico CRDA, Inóxio, Associação Cultural

20.00H - ENCERRAMENTO DO MERCADO

ESPAÇOS TEMÁTICOS

Espaço Rural
Espaço de exposição de animais
Local: Largo Miguel Bombarda / Adro da Igreja de Nossa Senhora da Salvação
Org.: Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos

Carrossel
Carrossel artesanal para crianças
Local: Largo Miguel Bombarda
Preço: 1€ por criança

Representação de Artes e Ofícios
O visitante poderá interagir e aprender antigas artes e ofícios na Oficina de Carpintaria, Oficina de Ferreiro e na Oficina de Tanoaria.
Local: Rua do Adro / Adro da Igreja de Nossa Senhora da Salvação
Artesãos: Mário Lopes, Sebastião Sarmento, Filipe Bragança e José “Espiga”

ANIMAÇÕES MUSICAIS E ETNOGRÁFICAS

Grupo de Danças e Cantares do Concelho de Sobral de Monte Agraço- Seramena

O grupo foi fundado em 1983 em Seramena (Freguesia de Santo Quintino, Concelho de Sobral de Monte Agraço), representa as tradições culturais que marcam esta região salaio. As Danças e Cantares foram transmitidos oralmente pelas gentes mais antigas, como as Modas de Roda, Viras, Fandango Saloio, Polcas, Mazurcas, Valsa a Dois Passos (considerada por excelência a rainha das danças da região) e uma quadrilha de origem guerreira que o Povo intitulou por Dança das Mocas. O seus trajos, reproduzidos através de peças originais, representam sobretudo a atividade mais representativa da região, a agricultura, embora também, mas em menor número, sempre estejam também presentes ‘personagens’ como os Cutileiros, Sapa-teiros, Moleiros, Hortelões, Semeador de Lanço, Abegão, Moiral, Ferrador, Ferreira,

Mulher-de-Jorna (ir ao mercado), Queijeira, Ajuntadeira, Vendedora de Tremoços e Pevides, Horteloa, Mondadeira, Saloios Domingueiros, Saloios em Festa, Remediados, abastados e os miúdos e miúdos Saloios remediados.

Rancho Folclórico e Artístico de Antões

O Rancho Folclórico e Artístico de Antões, foi fundado em Outubro de 1977, em Antões (Freguesias da Guia e do Lourical, concelho de Pombal). As danças apresentadas pelo Rancho Folclórico e Artístico de Antões foram recolhidas na região e retratam a vida sentimental e em especial a vida camponesa dos nossos antepassados. Alguns dos elementos do rancho fazem-se acompanhar de algumas alfaias agrícolas que antigamente os nossos antepassados mais utilizavam, nomeadamente nos trabalhos domésticos e rurais.

Este Grupo Folclórico tem recriado varias tradições em vias de extinção, tais como as descamisadas, o canto das almas, as retalhadas, os bailes á moda antiga, apanha da azeitona, etc...

Rancho Folclórico da Trofa

Fundado em 2 de Março de 1959, por altura anual designada “Feira grande” o Rancho Folclórico da Trofa tem difundido por todo o país diversas deslocações ao estrangeiro, os seus trajes, danças e cantares da sua terra e da sua região extraordinariamente rica em valores etnográficos. Depositário de um rico património etno-folclorico apurado em levantamentos histórico-culturais a que precedeu na freguesia, o Rancho Folclórico da Trofa, documenta os trajes, danças, cantares e usos e costumes das “Gentes” da Trofa e regiões envolventes ,no ultimo quartel do século XIX.

O rancho está, pois, vestido com copias verdadeiras e os instrumentos musicais utilizados por esta coletividade são de maior autenticidade, pois recolhidos no contacto com a população mais idosa desta comunidade. A sua tocada é constituída por acordeões, bombo, Ferrinhos, tabuinhas, cavaquinhos, viola braguesa e violão. Chulas, viras e malhões entre outras danças mais características desta terra, eram as modas que normalmente se dançam, nas eiras, nas feiras e romarias desta região.

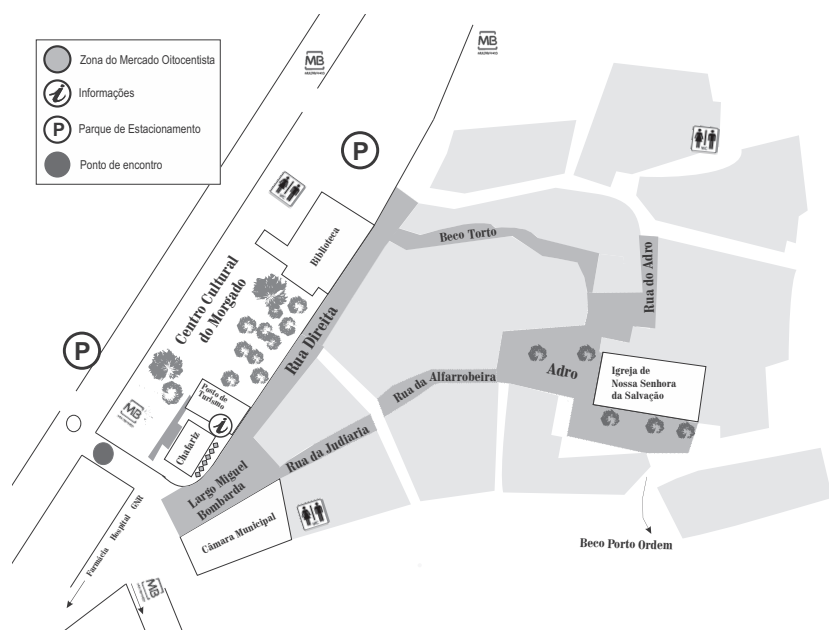
Rancho Folclórico Podas e Vindimas

O Rancho Folclórico Podas e Vindimas foi fundado a 29 de junho de 1980 em Arruda dos Vinhos, com o propósito de dar aos jovens uma outra forma de desenvolvimento físico e mental, como também preservar uma das culturas mais ricas e antigas do nosso povo. Trajado etnograficamente, este grupo pretende representar o início do Sec,:XX desde os anos 1900 a 1930. Apresenta principalmente trajes de trabalho, entre os quais se podem destacar a mondadeira, a ceifeira, o cavador, o podador de uva. Para alem com iguais destaque, os trajes domingueiros, religiosos e de romaria. O reportório do rancho baseia-se em viras, carreirinhas, bailaricos e valsas, entre outros.

Álbum do Mercado Oitocentista



MAPA DO MERCADO OITOCENTISTA



Organização



Município
Arruda dos Vinhos
Câmara Municipal

cei
Centro de Estudos
e Investigação
Arruda dos Vinhos

Mecenas



Apoio



Colaboração



» Paróquia de Arruda dos Vinhos

500
foral manuelino
ARRUDA DOS VINHOS
/ 1517 • 2017 /

/ CONHECER E VALORIZAR A HISTÓRIA LOCAL /



Município
Arruda dos Vinhos
Câmara Municipal

www.cm-arruda.pt/500foralarruda



MECENAS



MEDIA PARTNER
Jornal
"Voz Ribatejana"